



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

4 MASSAS

ÓRGÃO DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO – MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL

5 de fevereiro de 2019

Unidade real: MPL, metroviários e funcionalismo municipal!

POR QUE NÃO HÁ DEMOCRACIA DIRETA NA LUTA CONTRA O AUMENTO DAS TARIFAS / CORTE DE LINHAS?

Três constatações se destacam na trajetória das manifestações contra o aumento das tarifas deste ano: 1) a submissão aos desmandos da polícia; 2) a completa falta de democracia direta; 3) o isolamento da luta. Não é preciso grande esforço para ver a relação destes pontos com a diminuição gradual do tamanho das manifestações.

Estes três pontos estão ligados à política da direção desse movimento: o MPL. Utilizando-se da projeção dada nas jornadas de junho de 2013, o MPL tem se imposto como direção e impedido que esse movimento, que é essencialmente de frente única, se organize democraticamente. As organizações de esquerda têm acatado essa imposição. A exceção é o POR, que lançou nos últimos atos um chamado à reconstituição do comitê de organização da luta e das assembleias – que foi ignorado pelo MPL e pelas correntes de esquerda.

A última manifestação mostrou mais claramente que o MPL, sozinho, não tem condições de enfrentar a polícia. Mas, ao invés de se apoiar no movimento através da democracia direta, para discutir como enfrentar os desmandos da polícia, simplesmente se submete. Isso porque a democracia direta, e mesmo a unidade com outros setores, podem pôr em risco seu posto de direção. Porém, essa recusa à democracia direta e à unidade têm levado a que os atos sejam inócuos.

Isolar o movimento e o limitar exclusivamente às reivindicações ligadas às tarifas, tem levado às manifestações a diminuírem brutalmente e perder forçar ao invés de se projetar. Chegaram ao absurdo de marcar esta manifestação para o dia em que estava indicada a greve dos metroviários sem ter dito sequer uma palavra sobre essa ela, quiçá sobre a greve do funcionalismo municipal iniciada ontem!

É verdade que alguns representantes do MPL compareceram ao ato do funcionalismo e fizeram um post no Facebook sobre essas lutas. Mas, essa improvisação de última hora não é o mesmo que uma política de unidade.

Em meio a uma conjuntura de profundos ataques aos explorados, que têm perdido os poucos direitos que lhes restavam, uma luta que se limite a tarifa dos transportes não conseguirá impor uma derrota aos governos. Essa cegueira vem do fato de não analisarem crítica e autocriticamente o que foi o movimento de 2013, o único que conquistou uma vitória, e de ignorarem a conjuntura política de fortalecimento da ultradireita fascizante. Foi justamente por expressar a insatisfação geral dos explorados que o movimento de 2013 se projetou e ganhou força. Não foi mais longe, porque a direção perdeu o controle da manifestação e criminosamente a abandonou. Essa mesquinhez do MPL tem se colocado como uma trava à revolta da juventude ao invés de projetá-la.

A defesa que o POR tem feito desde a primeira manifestação para projetar a luta ainda vigora, por isso a reproduzimos a seguir.

Quais bandeiras devemos levantar?

Mesmo derrubando o aumento, os 4 reais atuais continuarão como um fardo pesado para as massas oprimidas, que já suportam o desemprego, a terceirização, o subemprego, a falta de moradia, a miséria e a fome. Para os estudantes, desempregados e assalariados essa despesa é insuportável.

É preciso que a pauta esteja voltada à construção de um movimento unitário da juventude oprimida e dos trabalhadores, na base de um programa comum, que destaque as reivindicações que de fato podem servir a impulsionar um movimento de massas, capaz de derrotar os governos nas ruas e locais de trabalho e estudo. Estão aí as razões para levantarmos um conjunto de bandeiras::

- 1. Passe livre a estudantes e desempregados;**
- 2. Estatização sem indenização de toda a rede de transportes, sob controle dos trabalhadores;**
- 3. Por um salário mínimo vital, calculado pelas assembleias, com um valor que cubra as necessidades do trabalhador e sua família (o DIEESE projeta um salário mínimo real de quase 4 mil reais);**
- 4. Contra a corrosão inflacionária, lutemos pelo reajuste automático dos salários;**
- 5. Contra o desemprego, defendamos a escala móvel das horas de trabalho (divisão das horas nacionais de trabalho entre todos os aptos ao trabalho, sem reduzir salários);**
- 6. Estabilidade no emprego para todos;**
- 7. Não à reforma da Previdência;**
- 8. Derrotar as reformas antinacionais e antipopulares pondo em pé uma frente única de ação baseada nas reivindicações e nos métodos de ação direta das massas;**
- 9. Pôr abaixo o governo ditatorial, militarista, religioso e fascizante de Bolsonaro!**